

Ilustração Portuguesa



II SÉRIE
N.º 720
8 DE DEZEM.º
DE 1919

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 15 cív.
Numero avulso em todo o Brazil, 700 réis.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre..... 1500 cív.
Semestre..... 3275 »
Ano..... 7850 »

Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 — LISBOA

Guerra á rotina! — Uma grande conquista!

Uma LAVAGEM MAGNIFICA sem nenhum LIQUIDO

EXPERIMENTEM UM PACOTE DE 150 réis



Fig. 1

O que basta fazer:

Espalhar meio pacote da *Fricção Maria* por entre o vosso cabelo, á noite. O pó absorve a oleosidade e as impurezas. No dia seguinte, de manhã, escovae vigorosamente. O pó sae logo, levando consigo as impurezas e saneando o cabelo.

NENHUM LIQUIDO
NENHUM PERIGO

Despeza \$07,5



Fig. 5

RESULTADO:

CABELOS EXPLENDIDOS, ARMADOS E ABUNDANTES

Usem a **"Fricção Maria"**

Não altera a côr do cabelo

NÃO DESFAZ A ONDULAÇÃO



Fig. 2

O que se evita:

—A maçada da lavagem em casa ou no cabeleireiro.

—Humidade da cabeça, que a muitas senhoras faz doenças.

—Dificuldades no penteado, que ha sempre depois d'uma lavagem com liquido.

O pacote, que chega para duas vezes, \$15. Pelo correio mais \$07,5.

PERFUMARIA DA MODA
5, Rua do Carmo, 7 — Lisboa
e nas farmacias, drogarias e principais casas da especialidade em todo o paiz, Ilhas e Africa.

CASA RUBI

Telefone: Central 3851

Iluminação, higiene
e aquecimento.

120 — R. DOS RETROZEIROS — 122

LISBOA

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SECULO"

Preço: 3 centavos

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Ações.....	300.000\$00
Obrigações.....	288.000\$00
Fundos de reserva e amortização.....	300.000\$00
Escudos.....	1.008.000\$00

SEDE EM LISBOA, Proprietaria das fabricas do Prado, Martanata e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermo (Louzã) Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispõem dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. — Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua da Princesa, 276. PORTO, 40, rua de Passos Manuel, 51. — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: — Companhia Prado. — N.º telef.: Lisboa, 605. Porto, 117.

Casamentos rapidos e vantajosos

170.000

pezos ouro entregam-se a cavalheiro serio, demonstrando honestidade e boas referencias, que despose senhorita, 30 anos, educada e bondosa. Evitar escandalo social. Escrever a **Matrimonial Club of New-York, Porto.**

Contestam-se todas as cartas, observando-se absoluta reserva.

Franquear cartas para resposta segura.

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Reconstituente
Alimento Phosphatado

BANANINE MIALHE

Creanças, Convalescentes,
Tratamento das enterites

8, Rue Favart, Paris



Gorôas

Onde ha o mais chic
sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria. é na

Camelia Branca
L.º D'ABEGOARIA, 50
tao Chiado - Telef 3270

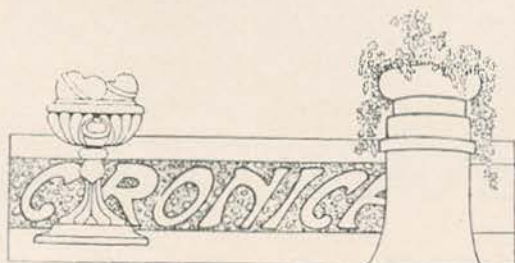
ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 720

Lisboa, 8 de Dezembro de 1919

15 Centavos



OS nossos avós foram, não ha duvida nenhuma, umas creaturas imensamente felizes. Eles souberam bem gosar a vida, paulatinamente, sem galopes que esfalam o coração, nem solavancos que desconcertam a figadeira. Pessoas pacatas, raras vezes se intrometiam na vida alheia, para veranearem escusavam de sair da cidade e para morrer quasi sempre escolhiam como genero de morte, visto que a coisa tinha que ser, a velhice. Alumiavam-se com azeite, andavam a pé, e desconheceram muitas das coisas que hoje nos dão cabo da paciencia.

Por exemplo: no tempo d'elles não havia nem a «grève» nem o «lock-out». Quem trabalhava é porque queria, ou precisava, o que não é desprezo. Quem não trabalhava era vadio e os vadios iam para o Tronco, para o Limoeiro ou para as Pedras Negras.

E' verdade que não sabiam o que era a luz electrica. Nem o telefone, nem o automovel, nem o taxi-aeroplano, nem o comboio, tudo isto meios de civilização soberbos. Mas ficaram livres de ter conhecido o reverso da medalha, porque toda a medalha tem reverso. O estar á espera da electricidade tres horas, o de estar outras tres horas para falar da rua do Ouro para a rua da Prata: O' menina está lá? Está lá? Oito, dois, zero, quatro. E perguntar vinte vezes se a menina lá está e dizer cento e cinquenta algarismos tendo por fim que mandar um galego. (Os nossos avós teriam logo mandado o galego).

Quanto ao automovel está provado que ele serve apenas para matar gente, quanto ao taxi-aeroplano que algumas vezes leva os passageiros ao outro mundo o que é um pouco mais do que eles queriam. Aqui se mostra como os excessos são prejudiciaes. Quanto, finalmente, ao comboio sabe-se que ele é bom, quando não deixa os passageiros no Entroncamento, dizendo-lhes em ar de troça que o resto a pé, se quiserem. (Nunca isto succedeu a nenhum dos nossos avós do tempo de D. Fuas Roupinho).

Pois agora a gente abre as gazetas e tudo são «grèves». Primeiro foram os barbeiros. Quem não fosse um pouco barbeiro estava entalado porque mestre escama

lhe decretara a barba obrigatoria. Foram depois os cosinheiros. Essa não nos faz ralar. A gente desculpa-se de não comer por não haver quem o faça, e espera que eles voltem para voltar de novo á paparoca. Eles é que porêem estabeleceram uma cosinha comunista. O freguez, razão de ser da sua existencia, é zero. Eles não querem saber de lóas. Cosinham sim, mas só para eles. Quem os grelhasse, os fizesse em polme, em fricandó ou em fricassé, «á maitre d'hotel» ou com molho de alcaparras...

Emfim ha grèves, mui^tas grèves. Mas foi decerto para isso que Espronceda escreveu: «Que haya una «grève» más que impuerta al mundo!»

E como pensando bem, a gente não se interessa nada, a gente passa a outro assunto.

Um cavalheiro, uma peste de cavalheiro, que em Budapest compareceu perante o tribunal, foi condenado por ter casado com quatorze mulheres. Quatorze mulheres! Quatorze pares de botas a vinte e cinco mil réis em média! Desgraçado. Mas já não ha medalhas, nem títulos, nem comendas! Ora aí teem mais uma beleza do regimen dos «soviets». O de permitir casar quatorze vezes. Ele no regimen em que a gente vive ha quem o tenha feito apenas uma vez e se veja grego quatorze vezes ao dia para manter uma, sem pennoras nem traquibernas! Não, que o bacalhau está a mil e duzentos, o «foie-grats» a um conto e duzentos e o «caviar» nem se pode aviar por que não ha. Pobre homem!

Quanto ao resto o leitor já sabe. Tudo na mesma. A mesma policia, os mesmos gatunos, a mesma electricidade que não ilumina, os mesmos telefones que não falam, as tendas sem assucar, as vacarias sem manteiga, os carros todos cheios, casas para alugar dá cá uma, para uma adivinhação, e hoje como hontem a gente cá vae vivendo como Deus é servido. Quanto a croazica espere o leitor pela semana que vem. Acacio de Paiva que as faz, magistraes, está doente, constipado, enflanelado, engripado e enxaropado. Ora para a semana já lhe deve ter passado e de novo voltará.

E' assim a modo como se as cronicas fossem manteiga e a gripe o ministerio da agricultura, percebe o leitor...



(Ilustração de Rocha Vieira).

A lavadeira do termo de Lisboa — As de Loures, as de Coimbra — As lavadeiras do Norte —



As lavadeiras e a poesia — A estalagem dos Camilos — Versos de João de Deus

Lavadeiras

Truz, truz, com os nós dos dedos.
— A Lavadeira!
E a creada, voltando para dentro:
— Minha senhora, a lavadeira...
E então recebe-se a roupinha, em monte, de barrela, muito branca, com o seu sertolho ainda, seu aroma lavado, os guardanapos em nó, lenços, fronhas, lençóis, tudo apontado, ao livro da semana, comprido e fácil, do Verol, e fiel cumpridor dos seus deveres. Assim o fosse a saloia:

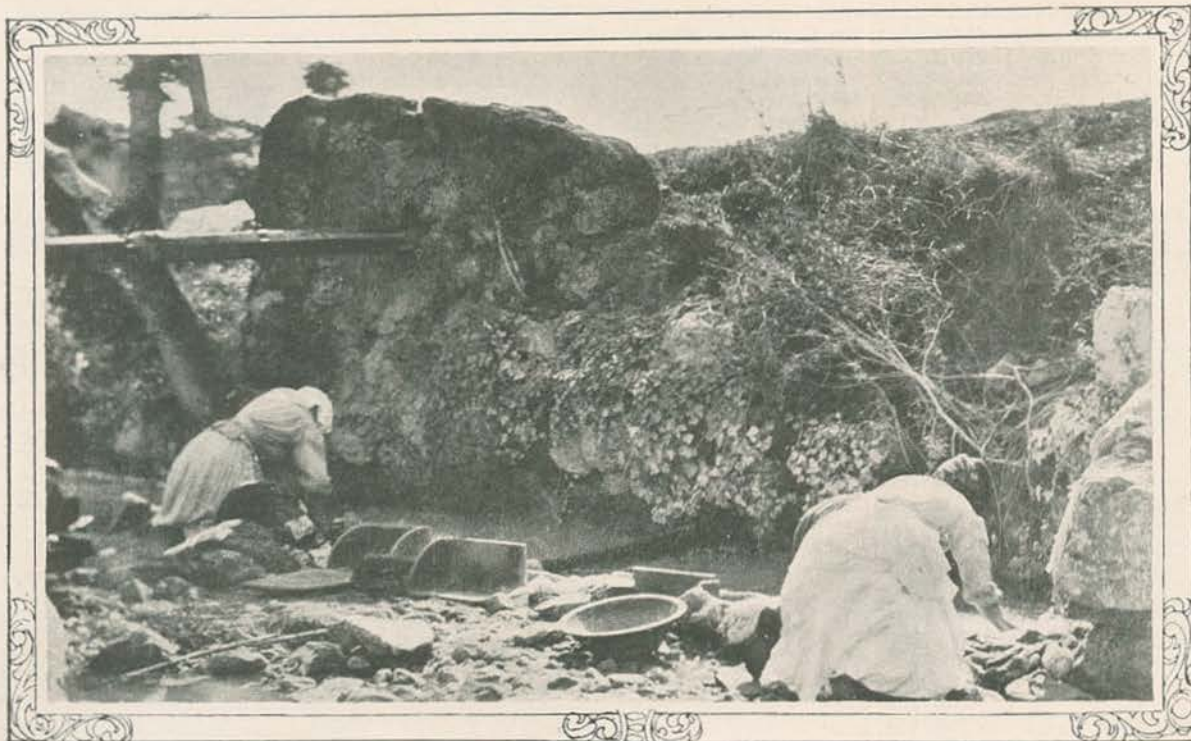
— Oh mulher, esta semana falta uma toalha...

— Minha rica senhora. Vem para a semana.

E aponta-se a roupa suja. A roupa suja! As lavadeiras são mesmo a única especie de gente n'este mundo que conhecem a roupa suja de cada um, e tem artes de a tornar outra vez branquinha, clarinha, cheirosa, na transformação mais discreta, mais resignada que, no meio de tanto estendal da vida do nosso tempo, é possível conter-se. As lavadeiras, as saloias, porque em Lisboa são as saloias dos arredores que lavam; as lavadeiras são ainda um resto da civilização do século XIX,

que nos ficou em costumes. Já acabou a estalagem dos Camilos, mas a carroça das trouxas, as mulas possantes, as estalagens da Rua da Rosa e Rua do Seculo, isso existe e existirá ainda longos anos. A face prosaica das lavadeiras, com as suas idas e vindas semanais, á quarta ou á quinta, metodicamente, infalivelmente, quer chova quer faça sol, é assim tal qual a sua propria face queimada, de uma coloração sadia, que não é a côr rosada, mas a côr pintada dos meos dias em chejo, as suas ancas redondas, as suas bases compridas, em termos de parecerem pernas, a sua indumentaria mantida com tenacidade, em tons amarelos de lenços, em tons escuros e vermelhos nas saias de grossa lã, seios turgidos, muito apertados em blusas de chita, cujo desenho é ha duzentos anos o mesmo, classico, uno, individual. A face típica da lavadeira é na cidade, com seu característico e sua linguagem chã, na meia esperteza saloia vivacidade nos olhos pequenos, modo e gestos de uma banalidade que não irrita; essa face é dentro de Lisboa profundamente prosaica.

Ha porém uma outra face que as lavadeiras possuem



Coimbra—Lavadeiras do Mondego—(«Cliché» do sr. dr. Cezar Junior).
Lavadeiras de Laveiras—(«Cliché» do sr. João Fernandes Tomaz).



Lavadeiras do Mondego («Cliché» do sr. dr. José Francisco Cesar Junior).

e Lisboa desconhece. E' a lavadeira no meio em que lava, em que vive, em que sofre. Então, subito, o proximo perde o vigor, adelgaça-se, vae vestindo de harmonia os costumes, e já no enlevo dos quadros idilicos, já na figuração dos personagens, a lavadeira aparece em

uma cantiga, feliz, descuidosa, garganta indifferente á temperatura :

Lavo roupa, lavo roupa,
é este o meu ganha pão !

No Norte a lavadeira é bonita. Não entra com ela outro mal que não seja o do amor, e esse mesmo sabe-o ela tão bem como á roupa que tem de se lavar. A mulher que entrega a roupa em casa de cada um, raras vezes é a que lava. As lavadeiras são, assim, um pouco de creaturinhas fóra da vida, metidas tantas vezes dentro da agua até ao joelho, conhecendo a existencia muito mais pela cantiga com que amenizam o trabalho do que pela observancia das familias e dos lares a cuja soleira as outras se sentam, ouvindo contar.

— Uma, duas, tres, quatro... fronhas, faltam duas...

Elas, não ! Sabem da pressa com que o rio vae para o mar, da musica que anda ao de cima das cousas, e tal qual a agua, as pedras, a roupa, elas são humildes, resignadas, e levadi-



Lavadeiras dos arredores de Lisboa

pleno lirismo, á beira dos rios ou dos regatos, nos tanques, nos lagos, nas proprias fontes, onde se desviou um quadrado de agua. E' então preciosa, de uma simplicidade tão crente, a lavadeira. Por esses arredores, e por esse paiz fora, desde as margens do Minho, do Luso, do Liz, do Coira, todos os rios e todos os afluentes, até o Mondego, com o seu Choupal e as suas arcias, os romances e as guitarradas, a lavadeira aparece, vestida de outra forma, transformada, poetisada, lavada ela propria pela paisagem, que irradia luz e, pela suavidade do meio onde a sua humildade se desenvolve. Mesmo nos arredores de Lisboa, a salaia, cujas feições são grosseiras e sem harmonia, tem já outro encanto. Parece que ao ar livre, joelhos sobre a terra, ou sobre a trouxa da roupa, de perna dentro da agua toda á mostra, ou de pé, encostada aos tanques altos, a lavadeira é o simbolo mais perfeito de resignação. Frio, chuva, sol a prumo. E ela batendo, lavando, esticando, sempre um dito malicioso aos que passam e contendem, sempre



Lavadeiras de Espinho
(«Clichés» do sr. dr. Cesar Junior).

nhas, nos sonhos que andam no coração, e no coração que anda ao pé da boca. Depois, uma pontinha de malícia e uma dedicação ao seu mais que tudo, que as torna adoráveis.



João de Deus poetizou d'esta arte a malícia d'esta lavadeirinha, que nós nunca vemos senão aravez o prosaísmo das sa-loias das trou-xas, da estala-gem, das carro-ças de mulas, e



Lavadeiras de Odivelas
No Mondego

(«Cliché» de João Fernandes Tomaz)
(«Clichés» do sr. dr. Cesar Junior)

—Boas tardes, lavadeira!
Boas tardes, caçador!

— Sumiu-se-me a perdigueira;
não me fazeis o favor
de me dizer se a bregreira
passou aqui a ribeira?

— Olhe que d'essa maneira
até um dia, senhor,
perdereis a caçadeira
que ainda é perda maior.

— Que me importa, lavadeira!
Assim eu fóra senhor
de levar a vida inteira
só a ver o meu amor
lavar roupa na ribeira!

— Talvez que fosse melhor
ver coser a costureira!

— Boas noites... lavadeira!
— Boas noites, caçador!

das barrelas que branqueiam tudo. Talvez porque a missão d'elas na terra é só lavar, lavar apenas, no santíssimo contacto da agua luarizada e ao som das cantigas ingenuas. Talvez por isso as mulheres que lavam não são as que entregam a roupa. Estas sabem a vida de cada um e quasi a contam de fio a pavio, enquanto que as outras, as que batem a roupa, as que lhe dão a côr do luar, côrando-a ao sol, essas, indiferentes, alheias, esquecidas, limitam-se resignadamente ao seu estribilho:

Lavo roupa, lavo roupa
é esse o meu ganha pão.

E não sabem mais nada da vida...

Norberto d'Araujo.



Lavadeiras do rio Liz, Leiria («Cliché» do sr. dr. Cesar Junior)

COMO SE MEDEM AS SENSACÕES.

Como se pode medir o tacto, a memoria e o olfacto. — Os aparelhos com que se medem as sensações. — Quanto pesa uma alma.

ENTÃO podem medir-se as sensações, pergunta o leitor surpreso? As sensações físicas está bem de ver. Podem. Ha aparelhos para tudo, até para isso. Então o leitor queria que o homem, tendo inventado o telescópio, para ver o infinitamente distante, e o microscópio, para ver o infinitamente pequeno, não tivesse inventado aparelhos para medir as sensações? Então ele inventou os guindastes, que tiram duas mil toneladas com a facilidade com que a gente tira o lenço da algibeira e as balanças de precisão, que dizem: quanto perdeu uma libra nas algibeiras dos usurários e não nos havia de saber dizer se eu tenho a imaginação mais desenvolvida do que o Romão, moço de fretes, ou se a minha sensibilidade muscular é maior que a de qualquer menina histerica. Não. A ciencia sabe tudo, tem aparelhos para tudo e o leitor vai saber como se podem medir as sensações. Por enquanto sabe-se das sensações físicas. As de ordem moral essas serão um dia também etiquetadas, catalogadas, mesuradas. Já se sabe quanto pesa uma alma. Não o sabe o leitor? Pois nós lh'o diremos porque nol-o disseram graves autoridades. Mas vamos agora ás sensações e aos aparelhos com que elas se medem.

A sensação constitue o estado consciente que se dá quando o som, a luz, e outros agentes físicos estimulam qualquer dos nossos órgãos. Afinal, diz Jacques Boyer, nós apenas temos consciencia das sensações; só d'ela derivamos o nosso conhecimento do Universo. E é essa a razão porque os homens de ciencia procuram substituir as sensações vagas, dependendo de muitas circunstancias, e portanto difíceis de serem observadas minuciosamente, por sensações fortemente definidas, respondendo o mais possível umas ás outras, e tendo como resultado o serem aparentemente independentes do individuo e do seu estado ou condição especial. Visto que ha uma ligação manifesta entre a acção central e a reacção sensoria, o papel do fisiologista consiste em determinar com exactidão no caso de cada sensação individual, a intensidade correspondente do excitante, definir a curva dos resultados e, depois de calculos mais ou menos laboriosos, estabelecer uma formula mathematica. A principal dificuldade consiste em agir com uma precisão sufficiente e dentro de limites bastante extensos.

Com o fim de explorar este vasto campo de se o nhcido inventou-se um certo numero de instrumentos que ainda não são conhecidos de todos. Por exemplo, o compasso Weber serve para medir as sensações de tacto e de pressão; o «myo-esthesiometro» de Toulouse e Vaschide para medir a acuidade da sensibilidade muscular; o aparelho electro-magnetico de Laby para medir a memoria de palavras e algarismos, da atenção, do desenvolvimento da imaginação, da abstracção, raciocínio e argumentação com o auxilio de provas apropriadas e sensações musculares; o cronometro de Arsonval, para medir a reacção auditiva; o dinamometro de Regnier-Chéron para a força muscular das mãos; o fotometro para descobrir as sensações luminosas; o olfactometro para o olfacto. Como se vê a fisiologia avança e todos os dias o homem levanta um pouco o veu de si proprio.

Mas quer o leitor saber o que são estes aparelhos e como n'elles poderia medir a sua memoria ou a sua atenção, a sua dureza de ouvido ou o grau de embotamento do seu olfacto? Pois é facil e vamos seguindo a ordem porque enumeramos os aparelhos.

O compasso «haphi-esthesimetrico» de Weber, com melhoramentos de Toulouse e Piéron, possui duas agulhas de ponta muito fina, suspensas de uma alavanca oscilante; estas agulhas separam-se, e uma chapa graduada enfia-se, por meio de mola, n'uma régua onde se vê um mostrador graduado. O observador agarrando no cabo ou haste d'este compasso, exerce sobre a mão

fechada do paciente, depois de lhe ter tapado os olhos, uma pressão igual por meio das duas agulhas. Em seguida toma nota da distancia minima de separação, abaixo da qual o paciente sente apenas um contacto e acima da qual ele distingue dois.

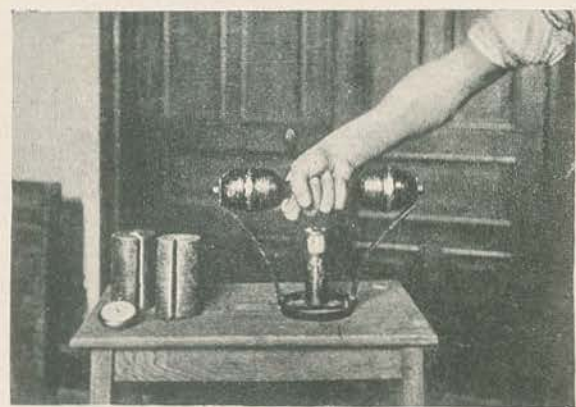
O «Myo-esthesiometro» de Toulouse e Vaschide é composto de quatro séries de vasilhas cilindricas, a primeira de alumínio, pesando 1 grama, e as outras tres de cobre, pesando 10, 100 e

1.000 gramas. Nas vasilhas cilindricas para pesos variaveis de cada série podem adaptar-se chapas do peso registado (até 10, de 1 a 10 unidades), o que aumenta o seu valor, no que diz respeito ao tipo constante, na proporção de 1-1000, 1-100 e 1-10.

O paciente está confortavelmente sentado defronte de uma meza, com os olhos tapados, e o operador coloca-lhe com cuidado na articulação da falange e da



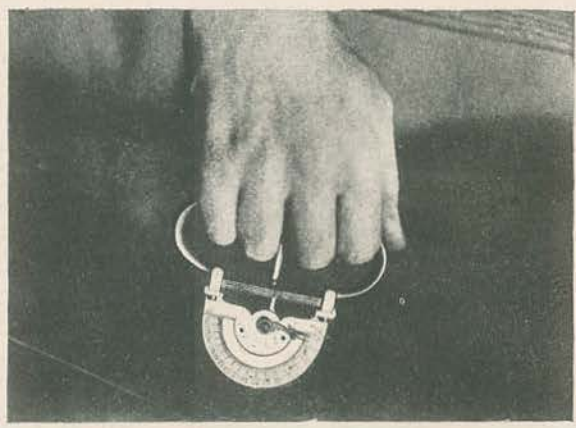
Medindo a reacção auditiva com o cronometro d'Arsonval



Alteres dinamométricos Dumb-Bells



O olfactometro



Dinamometro muscular de Régnier



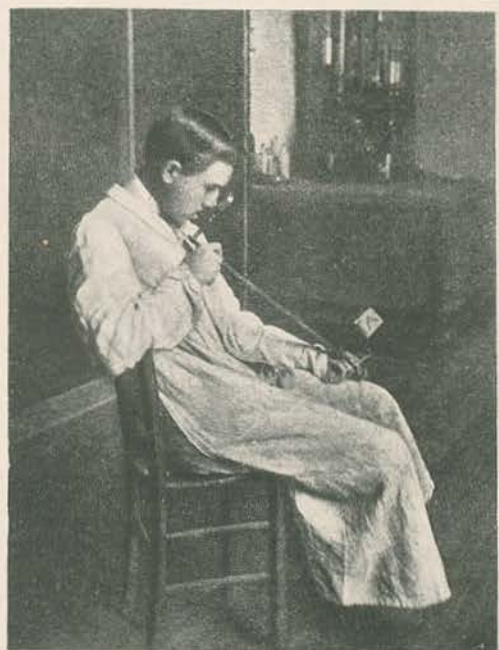
O aparelho electro-magnético de Lahy para experimentar a memoria.



O «Myo-esthesiometro» de Toulouse e Vaschide

falanginha (a segunda falange dos dedos que teem tres do indicador uma vasilha de 100 gramas (typo) que demora ali seis segundos, obrigando o paciente a tomá-lhe por tres vezes o peso movimentando o ante-braço. O investigador tira depois o recipiente e substitue, passados tres segundos, a segunda vasilha de 100 gramas

com um peso adicional de 9 gramas; pergunta-lhe depois qual dos dois objetos é o mais pesado. A operação é renovada com pesos maiores, até que as respostas sejam sempre exatas. O valor da diferença limitativa é portanto determinada por uma fração tendo como seu numerador o peso em gramas do peso adicionado



O fotometro do sr. Charles Henry para medir a visão mental.



O pupillmetro do sr. Henry para medir a visão mental.



Experimentando a sensibilidade ao calor



Uma experiencia com o audiometro

ao cilindro de comparação e como seu denominador o da vasilha tipo.

O aparelho electro-magnético de Lahy é posto em movimento na ocasião precisa por meio de uma alavanca de mão, e faz descobrir perguntas apropriadas, descobrindo-as ou ocultando-as por meio de uma mola,

conforme a alavanca manobra. Por outro lado calcula-se a rapidez do pensamento, de cronometro na mão, pelo numero de associações verbaes originadas dentro de um espaço bastante longo para permitir o desconto de erros ligeiros, naturais ás experiencias.

O cronometro de d'Arsonval consiste n'uma mola que

faz girar uma agulha sobre um mostrador com a velocidade de uma volta por segundo. As grimpas de um regulador Foucault asseguram ao aparelho uma constante progressão pelo espaço de dez minutos. Um eixo composto de duas partes, uma ligada ás rodas do mecanismo, a outra presa á primeira por meio de uma chapa circular dentada que, engrenando n'uma chapa circular de feltro, transmite a ação á agulha, enquanto uma ligeira mola premindo o eixo móvel desta ultima parte contra o eixo estacionário torna a prisão mais firme. A outra superfície da chapa móvel que leva a agulha é de ferro batido e tem em frente um pequeno aparelho electro-magnético. Quando uma corrente passa a través deste ultimo, o disco do eixo móvel é atraído por ele, os dentes separam-se do feltro, enquanto a agulha fica imóvel; mas quando a corrente é interrompida, a mola renova a ligação do disco dentado com a chapa de feltro. Quando o mecanismo está em movimento, o eixo estacionário gira, dando movimento á agulha.

Para descobrir por meio deste cronometro os periodos auditivos de reacção, o investigador senta-se em frente do paciente tendo na mão um instrumento semelhante a um diapasão, com o qual batendo num tam-tam produz um som, causando simultaneamente a abertura da corrente. O paciente, com a cara desviada, ou os olhos vendados, fecha a corrente pela pressão de um botão. O intervalo entre a emissão e a percepção do som mede o período da reacção, que é registado no mostrador pela centessima parte de um segundo ou por metade de uma centessima parte, conforme a distancia percorrida pela agulha.

Por outro lado, a ligação existente entre a força da mão direita e da esquerda é estabelecida pelo dinamometro Régnier-Chéron. O instrumento consiste numa mola que é agarrada com força, mas a dor produzida pela sua rigidez inibe todo o esforço; além disso, tomando este instrumento com excessiva rapidez o valor muscular da contração, as bases fornecidas por ele são incertas.

Mr. Charles Henry, Director do Laboratorio da Fisiologia das Sensações, em Sorbonne, inventou tambem um fotoptometro para descobrir sensações luminosas; baseia-se a sua teoria no principio que a intensidade da luz, passando a través de um diafragma, varia proporcionalmente segundo a superficie do seu orificio. Os raios emitidos pela origem passam a través um papel oleoso e a través os diafragmas, projetando-se então sobre um segundo biombo ocular. Modificando o orificio do diafragma e a origem, obtem-se todas as possíveis intensidades luminosas, e é possível determinar a lei que as rege, notando com as necessarias precauções as sensações correspondentes.

Entre outras sensações luminosas medidas pelo mesmo fisiologista, é curiosissima a da visão mental. Descobriu que a pupila se pode dilatar sob a influencia do cerebro. Para conseguir isto, fixa a través uma lente convexa, para um plano móvel mostrando o angulo sobre uma regua graduada até que dê apenas uma sombra muito vaga. Nota então o diametro da pupila. Depois repete a observação, retirando d'esta vez a lente e afastando-se do plano móvel, até que de novo se torne imperceptível; por fim observa a mudança que possa ter havido no tamanho da pupila.

As quantidades de luz são identicas em ambos os ca-

sos, só as distancias do objecto é que diferem muito no decurso das duas experiencias, mas visto que a pupila se dilata, mais ou menos n'este segundo caso, segundo os pacientes, tem de se chegar forçosamente á conclusão que existe um reflexo cerebral determinado pela idea da distancia. Em alguns casos, este reflexo está mesmo ligado á intensidade da visão.

Por fim, para estabelecer a apreciação do olfacto, pôde-se empregar o olfactometro, que consiste n'um aparelho composto de tres tubos concentricos e distinctos: um cilindro de vidro servindo de reservatório para azeite ou alcool, um segundo cilindro de papel e um terceiro de vidro graduado em milímetros.

Como se vê na gravura, o operador introduz a extremidade do frasco n'uma das narinas, tapando o outro com um bocado de algodão, levantando-o com um movimento regular, causado por uma respiração normal, o perfume passa então do reservatório para o ultimo receptaculo, passando a través o papel, e ascendendo ás narinas do investigador. Logo que a mais pequena sensação se produza, o investigador pára com o movimento e nota a altura e a duração da ascensão; com estes dois elementos, com um numero dependendo tanto da experiencia como do constante de cada instrumento e finalmente com um constante da substancia absorvente, obtem-se o pezo da aspiração correspondente ao minimo perceptível.

Sabe pois o leitor como se medem as sensações, mas ignora decerto como se pode pesar a alma. Pois os Drs. Macdougall e Sproule já fizeram um trabalho sobre o caso, assim nos conta Gomes Carilo nas suas «memorias» depois de ter attribuido a paternidade da ideia ao grande poeta Verlaine:

Ouçamol-o: «Colocada a cama de um enfermo n'uma d'essas grandes balanças, fortes e sensíveis que servem nos bancos para pesar grandes quantidades de ouro e que marcam n'uma tonelada diferenças de meio grama, os observadores seguem minuto a minuto, segundo por segundo, as fases da agonia. O paciente está colocado de sorte que nenhuma das suas secreções se pode perder. Durante os ultimos momentos a agulha da balança oscila mas não muda. No momento supremo, diz o Dr. Macdougall, o braço da balança baixou com rapidez, produzindo um choque sobre a plataforma que o sustentava. Então vimos que o corpo perdera exactamente 28 gramas.» «Tratando de averiguar as causas do surpreendente fenomeno fomos revistando uma a uma quantas nos poderiam parecer admissíveis. Porque a perda de peso se poderia attribuir ao ar expellido dos pulmões pesamos o ar. Viu-se então que meio litro de ar pesava 10 gramas, razão porque a perda de peso sofrida pelo corpo, superior a essa cifra, não podia ser attribuida á saída do ar. De mais, certificamo-nos que subindo para a balança e aspirando o ar a pulmões plenos não se assinalava a minima diferença de peso. Em vista de isso é preciso concordar em que, quando o homem morre, d'elle se separa uma substancia que pesa, se bem que careça de forma e de outras propriedades das substancias conhecidas.»

Ora aqui tem o leitor como se medem as sensações e até como se pesa a alma. Talvez d'aí, quem sabe, é que venha o grito lamentoso do filosofo grego afirmando pelos seculos dos seculos que só sabia que não sabia nada.

Chefes de estado

(Flagrancias)



Paderewski
por Max Beerbohm.

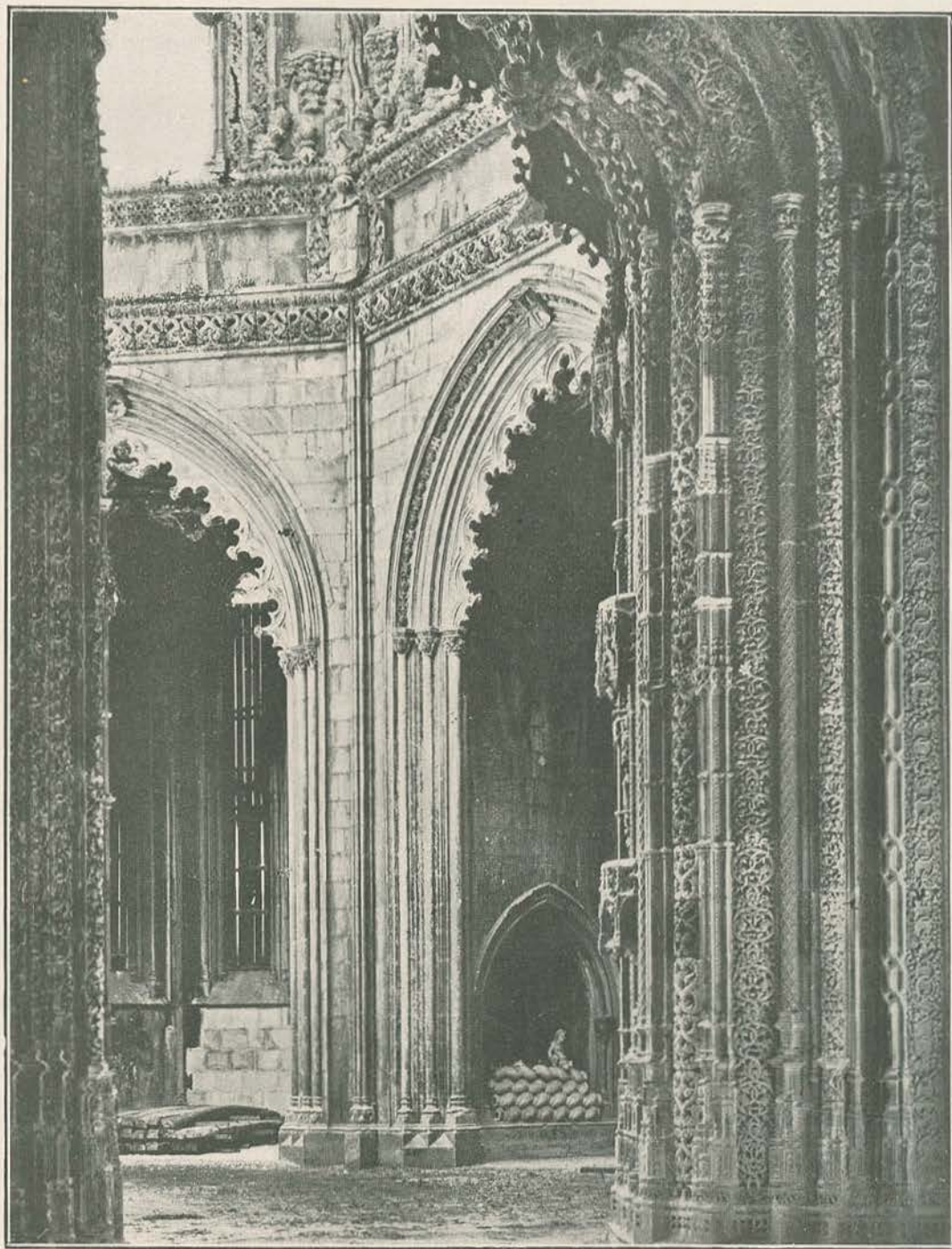
Paderewski, musico que os acasos da fortuna fizeram presidente da republica é a figura que os leitores veem na interpretação de Max Beerbohm. A grenha é tudo, o corpo quasi nada. Wilson sintetico é uma das felizes caricaturas do homem de governo mais discutido nos dois hemisferios. Wilson, os quatorze pontos, a liga das nações teem feito correr quasi tanta tinta quanto a guerra fez correr sangue.



Wilson... sintetico
De La Lettura

PORTUGAL ARTISTICO E MONUMENTAL

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA — BATALHA — II



Mosteiro de Santa Maria da Vitória (Alcobaca). Parte interior das capelas imperfeitas e do arco da entrada das mesmas.

(Cliché da Fot. Serra Ribelro).



Ilustração de Francisco Pinharanda (Coimbra).

Enoitecer

Amortalhado em nuvens irisadas
expira ao longe o sol, e a treva enleia,
na sua fina, arachnídea teia,
o ceu, o mar e a terra. De mãos dadas

caminhamos os dois. Pelas quebradas
repercute-se a estranha melopeia
das amorosas ondas que, na areia,
veêm espriar-se em manchas prateadas.

Arrefece e anoitece; todavia
ha outra luz que nos aquece e guia
e que nos serve de conforto e amparo!

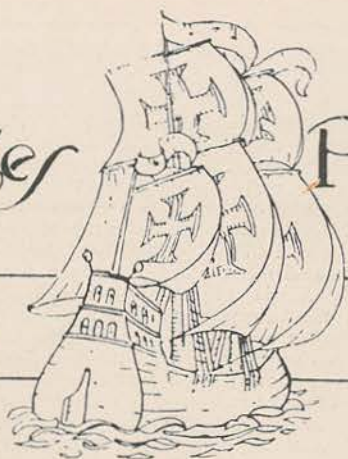
Que nos importa pois a treva infinda!
no nosso coração ha sol ainda,
e para o nosso amor é dia claro!

Matos Sequeira.

As Construções

Navaes Portuguezas

Da velha Ribeira das naus de Lisboa aos estaleiros de Vila



do Conde e da Ilha da Madelra. As novas construções.

O nosso Tejo, formosíssimo rio, foi durante seculos o estaleiro que fabricava as grandes naus das conquistas, os galeões da Índia, e os pobres barcos de pesca que á vista de terra, arrastam a sua rede em faina ingrata e proveitosa. Já no tempo de D. Afonso Henriques a gente construia bravamente e quem do assunto queira larga e documentada historia mais não tem do que manusear o livro que o erudito visconde Julio de Castilho deu á estampa sobre o titulo de «A Ribeira de Lisboa». Quem o tomar, volvida a ultima folha, terá, que quedar-se um pouco, maravilhado com o genio da raça

que foi forte, fera, laboriosa e indomita. Nem o choque rude dos campos de batalha, nem a pugna rija com mares e ventos contrarios, perfidos e tormentosos.

D. Diniz foi um marinheiro ideal pelo impulso que deu ás construções navais. Não contente com o esforço luzitano, chamou de Italia um genovez. Manuel Pessagno se chamava o homem famoso, que era generosamente pago e que por fim, trabalhando com alma por cá ficou, fazendo de Portugal a sua patria adoptiva.

Depois os reis deram em proteger a industria que lhes dava benesses fartas e já em 1385 a gente podia fazer velejar Tejo abaixo em direção a Inglaterra uma frota de seis



O lugre «Lidador» no Rio Ave, em Vila do Conde.

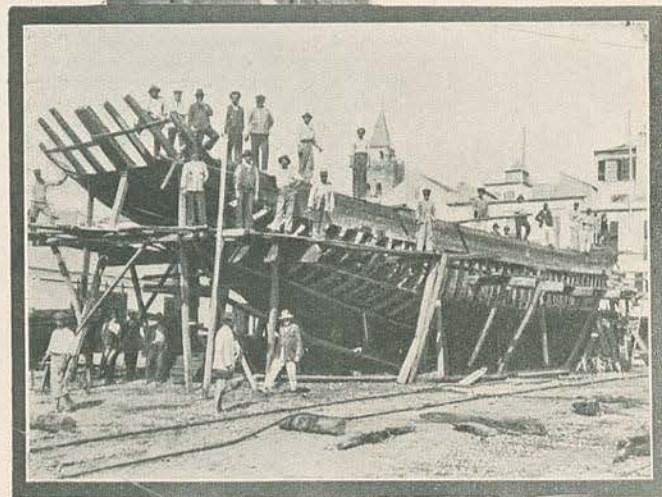


Sr. Jeremias Martins Novaes mestre construtor.

O mesmo no Rio Douro em frente do Porto.

robustas galés e doze naus, onde sob o comando de Afonso Furtado causaram maravilha. As galés maiores tinham trezentos remeiros e cento e oitenta as menores. Era a infância da arte, mas era como se es'á a ver a infância robusta que atingiu poderio pleno por alturas de D. Manuel.

Em 1471, quando foi de Arzila, a armada que abalou compunha-se de trezentas e oito velas, galeões, galés, fustas e outros navios



Sr. Charles Blandy Cossart, societario da Empresa do Cabrestante.

O «hiate» «Gonçalves Zarco» na carreira.

que levavam vinte e quatro mil homens de combate.

Grande era essa armada construida parte aqui na Ribeira das Naus, parte nos estaleiros do Douro. E se quissemos estadear a grandeza fenomenal do que foi a industria da construção naval, não chegariam todas as paginas d'esta «Ilustração». Raros paizes teem tanto sobre o assunto como nós. Nenhum nos excedeu. E' lindo volver os olhos para o passado glorioso na esperança de um futuro que o imite.

Se isto foi nos seculos passados, esse periodo de grandeza da construção naval parece voltar de novo, que de novo em quasi todo o litoral se corta, serra, aplaina, prega, calafeta e pinta. E' nos estaleiros dos Porto, nos

de Viana, de Aveiro, da Figueira da Foz e da Outra Banda e agora vamos dar ao leitor aspectos das ultimas construções. Em Vila do Conde e Azurara estão em construção cerca de vinte navios. Foi o lugre «Lidador» o ultimo barco lançado á agua. E' propriedade da Empresa de Navegação Vilacondense, desloca cerca de 1.000 toneladas e destina-se a navegar entre os portos da Europa e America. Barco elegante de belas e finas formas, asseguram os peritos que ele honra a industria nacional.

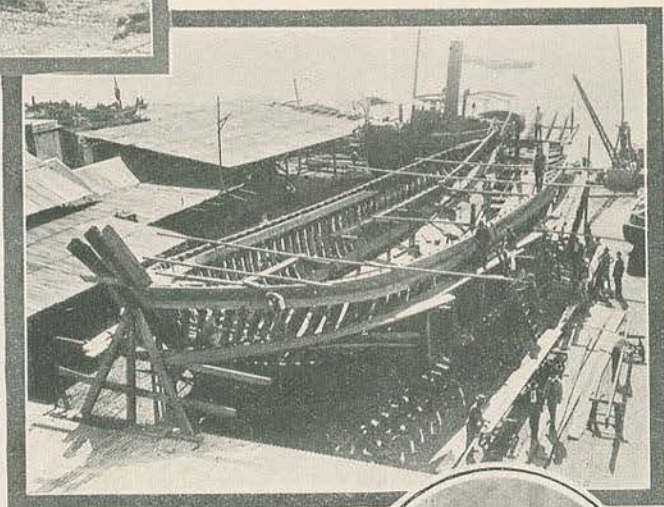
Não é só no continente a febre bem dita das construções navaes. Assim na Madeira foi ha pouco colocada a primeira caverna no «hiate» «Gonçalves Zarco», barco de 200 toneladas pertencente á firma Bagão, Nunes & Machado. L.^{da}. E' o barco de maior tonelagem que se tem construido na Madeira e na Empresa do Cabrestante.

Foi uma solenidade muito celebrada na Madeira, e a obra dos mestres Luiz e Sebastião Basilio e João Fernandes Camacho vae a todo o pano, cumprindo-se assim uma grande e patriótica ação.

Efectivamente era triste que um paiz de tradições maritimas arreigadas, patria das navegações e das conquistas, se deixasse ficar inerte, braços pendidos, n'esta hora em que o mundo reclama grande e febril trabalho.

A Empresa do Cabrestante, da Madeira, é dirigida pelo sr. Charles Blandy Cossart que esteve desanove mezes no «front» e tendo servido muitas vezes com o exercito portuguez.

E' pois consolador registrar que nem tudo é apatia e não está de todo perdida a esperança de um Portugal M.ior. Pois se a industria da construção naval é uma industria

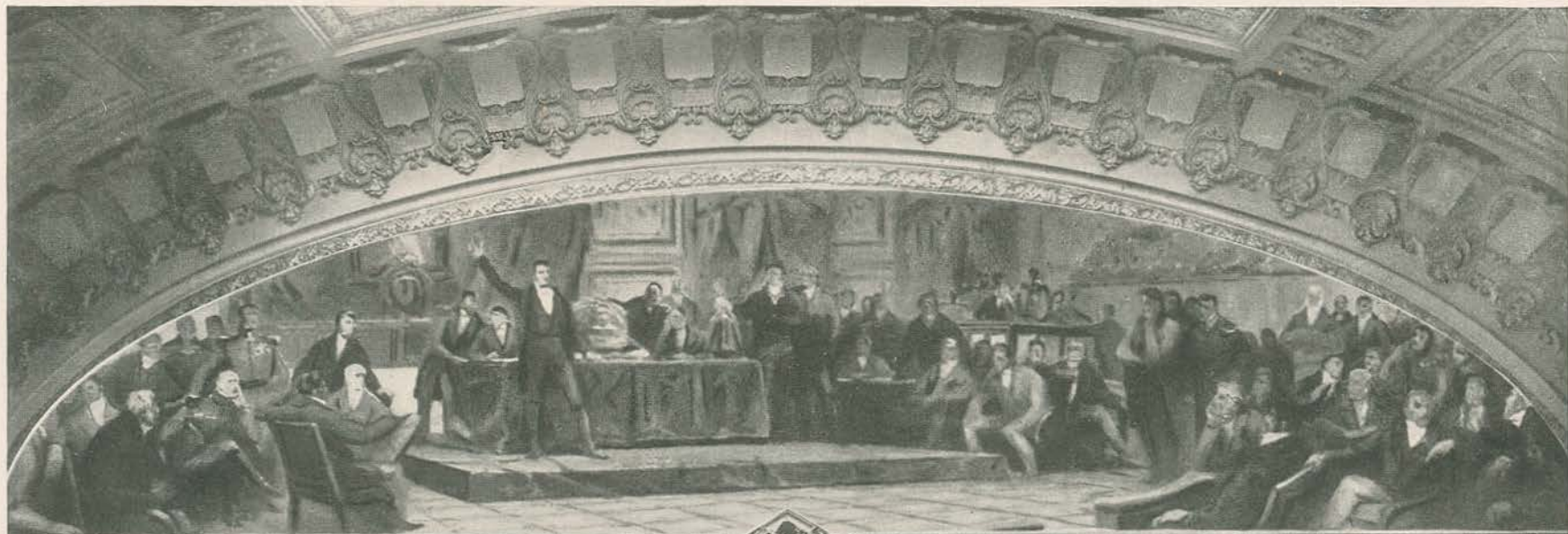


Outro aspecto do «hiate» em construção, vendo-se junto o antigo rebocador D. Carlos.



O gerente sr. João Araujo

tradicionalista e se nela somos mestres e nada precisamos de pedir ao estrangeiro, que Portugal veja de novo o seu resurgir de calafates e construtores e a sua bandeira gloriosa torne de novo a povoar os mares, tal é o nosso desejo.



CAMARA DOS

O «panneau» do ilustre artista José Veloso Salgado que deve ser colocado sobre a figura da Republica, ficando como esta gravura indica. O «panneau» representa «A Constituinte de

DEPUTADOS

1820» e é mais uma afirmação do talento do artista que o concebeu e executou.

(«Cliché» de Serra Ribeiro)



A CASA PORTUGUEZA

Casa Carvalho

Se um dia, leitor, vieres a cair com os teus venerandos ossos, na pretendida Manchester minhota, a vetusta cidade de Guimarães onde tens muito que ver em documentação do passado, péço-te que te munas de uma carta de recomendação, ou te sirvas de outro meio justo e louvável de te aproximares do ilustre oficial da armada João de Paiva Leite Brandão.

Atira-te, depois, para cima de uma tipoia, que o natural bom senso manda justar e diz ao cocheiro que toque para a «Casa Carvalho d'Arca».

Uma vez ali, apeia-te e agarra-te ao puchador da sineta, com timbre fradesco, que está seguro ao monumental portão sob que tens de passar para dares ingresso no terreiro amplo, desafogado, em que se levanta airosa e típica como consolador sorriso, a habitação que é objéto destas rápidas linhas.

Diz Ramalho, no «Culto da Arte em Portugal», quando se refere ao aspecto do casario nos arredores de Lisboa, que o estrangeiro desajuado de indicações geograficas (se a memoria não nos deixa ficar mal) «não sabe em que parte do mundo se está passando a «cena...» pelo «mistiforio» das construções, incaracteriscas, quando não banaes e feias.



O telheiro do portão da entrada

d'Arca (Guimarães)

Por algumas razões que não vem de molde aqui citar mas a que não é alheio a auzencia nos muzeus de documentos ilucidativos das nossas habitações, consoante as regiões e épocas — mesmo pouquissimo ha impresso, divulgado sobre materia tão interessante — dos nossos arquitetos, só os muitos devotados á tradição, exploram, na arte de construir, mot-

vos regionais.

Os predios que vemos por todo a parte são duma vil e banal imitação, pesados, sem caracter de adaptabilidade ao meio e sem, mesmo, satisfazerem ás necessidades do «habitat».

Houve entre nós, ha alguns anos, uma impertinente mania de banalisar as velhas habitações, substituindo os tectos de castanho por os de estuque; pondo de parte o nosso interessante mobiliario, para dar cabimento a monstruosos escarpates de mógo...

Um pobre minhoto, já com umas dezenas de anos aos hombros, contava-nos — em reforço do que dizemos — ha dias no alto Minho, que no tempo em que estudava em Viana do Castelo, «só não botavam abaixo o que era «velho» e artistico os que não tinham diuheiro para o substituir por «novo».



Vista da casa, lado Norte



Lado Sul



Sala de visitas



Sala da Torre

Depois de uma época de muito «estragar» e «fazer desaparecer» tantas preciosidades, entra-se, decididamente, numa era de reconstrução evocadora.

Procura-se, tanto quanto possível, estabelecer uma ligação com o passado, no que ele tem de mais terno para o nosso coração e para o nosso espirito.

No Minho foi João de Pavia, entre outros, quem conseguiu — como poucos — com certo desafogo, ampliar no mesmo estilo dominante a velha «Casa Carvalho d'Arca», como mostram as fotografias que ali fizemos.

O ilustre oficial foi o «arquitecto» d'essa bela obra. Trabalho de anos, amoroso e delicado. Não está concluída a tarefa. Falta, ainda, o chafariz que se ha de levantar em frente da fachada principal. Estão por fazer, no jardim, os característicos embuxados.

Os interiores são, na «Casa Carvalho d'Arca», ornamentados, dispostos, com originalidade e graça.

O mobiliário renasce; os atalhados, os tapetes de Arraiolos; as cerâmicas antigas portuguesas; os azulejos,



A escadaria de rotulas

os ladrilhos, aparecem com a lquada propriedade.

A escada das rotulas que, internamente, dão acesso ao primeiro andar, são originalíssimas. As côres predominantes, ali, são duma garri-dice de faiança de Sèvres.

Leitor que estás entediado de vêr por esse Minho fóra tantas casas cheias de esconderijos, de escadas mostren-gas, pintalgadas sem senso e sem nexo, com monumentais platibandas pesadas, que estragam muitas vezes a paisagem em que se vêem, vae á «Casa Carvalho d'Arca» rece-ber, como eu

recebi, um grande consolo espiri-tual, descansando por momentos, a vista nessa aconche-gadora e solene habitação senho-rial, cujo dono é o requênte da deli-cadêsa e da bondade.

Barcelos.

A. Soucaux



Sala de jantar



A Moda feminina

As últimas criações que em chapéus a moda nos dá são as que apresentamos às nossas leitoras: O chapéu turbante para teatro, em brocado branco e ouro; o chapéu de



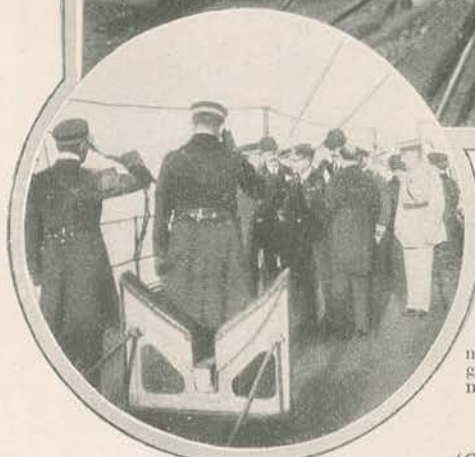
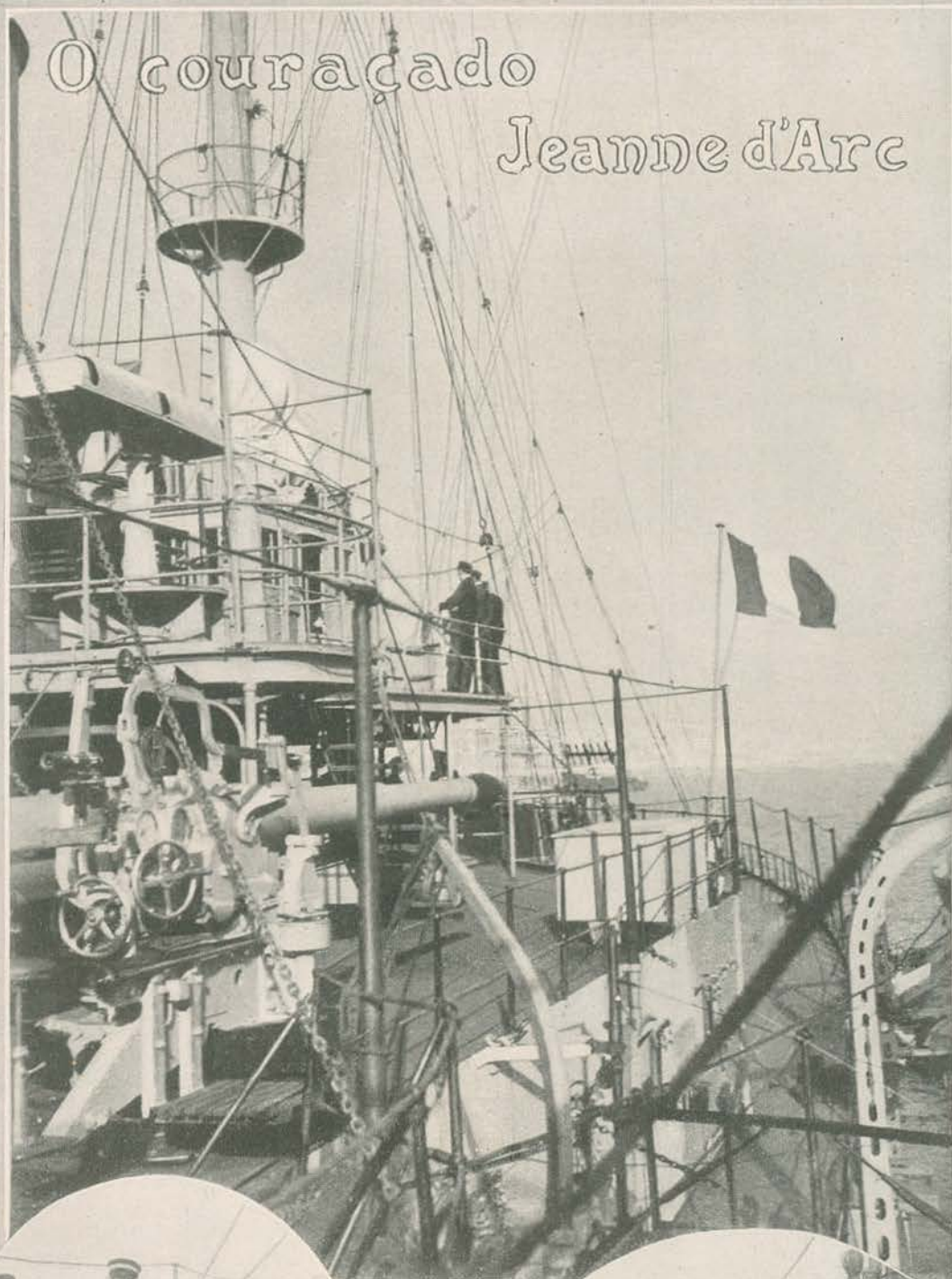
passêo em *pane* preta, guarnecido com *crosses* da mesma côr; chapéu *habillé* em *pane* preta, guarnecido a galão *jay* preto e *paradys*; chapéus *troteur* em *relevé*, em veludo negro guarnecido a fitas da mesma côr; chapéu «pour visites» em brocado, ouro e preto, guarnecido a *crosses*.



(«Clichés» da
Fotografia
Serra Ri-
beiro).

Criações da casa Salomão Cardoso, Sucessor Leite, Limitada, de Lisboa

O couraçado Jeanne d'Arc

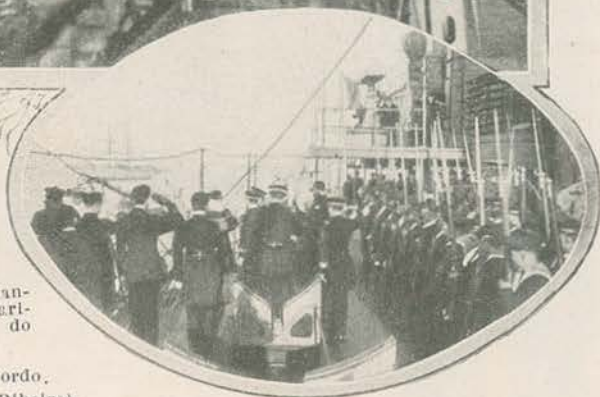


Um aspecto do navio.

Os srs. ministros dos estrangeiros e da marinha a bordo do couraçado.

Chegada a bordo.

(Clichés Serra Ribelro).



A bordo do couraçado francez «Jeanne d'Arc» realisouse um almoço a que assistiram os srs. ministros da guerra, marinha e estrangeiros, ministro da França,

pessoal da legação e varios outros convidados, tendo-se trocado brindes muito afetuozos e reinado sempre grande animação. O couraçado largou de Tejo no mesmo dia.

Uma Festa Simpatica



Aspecto do jantar. — O sr. Luiz Grandela e sua esposa, a sr.^a D. Alice Grandela. — Mimi Grandela a festejada. — A sr.^a D. Alice e sua irmã D. Alda servindo o jantar às creanças. — A sr.^a D. Alde Nobre cunhada do sr. Grandela. — (Cliches do sr. Luiz Corte Real).

Como Mimi, a gentil Grandela, tivesse feito anos, na pitoresca villa de Melo, onde o sr. Luiz Grandela e sua familia costumam passar parte do verão, os paes comemoraram-lhe o aniversario vestindo 24 creanças e dando-lhes de jantar e distribuindo 50 escudos pelos pobres. Foi como se vê uma simpatica festa.

Mães! sem leite

Ou com insuficiência para amamentar os filhos e que se queiram robustecer, tomam a VITALOSE, que sendo um preparado de sabor muito agradável, lhes traz imediatamente uma grande abundância de leite forte e puríssimo, seja qual for a circunstância em que se empregue, ao mesmo tempo que as nutre consideravelmente, criando os filhos fortes e sadios sem os perigos dos «biberons» e amas mercenárias.

Assim o atestam publicamente os mais ilustres e considerados médicos, e n'este facto está justificado o enorme consumo d'este conhecido preparado, não só em Portugal como em muitos outros países onde está registado.

Recomenda-se todo o cuidado em verificar se todos os rotulos levam indicação do seu preparador Augusto P. de Figueiredo e da Farmacia J. Nobre como seu depositio geral, rejeitando sempre como suspeito qualquer outro preparado que não tenha esta indicação de garantia.

A VITALOSE vende-se em todas as boas farmacias e drogarias e em LISBOA na Farmacia J. Nobre, Rocio, 110; em COIMBRA, na drogaria Pereira Marques, Praça 8 de Maio, 34 e no PORTO, na Farmacia Dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 44. Preço 2\$20. Pelo correio mais 600 réis.

Contra a Sifilis: DEPURATOL

(Registado em 14 países)

SUAS VANTAGENS: Ele tira rapidamente as dôres ao doente; traz-lhe logo de começo o appetite, bem estar e socego de espirito; não é purgativo; faz desaparecer por completo as placas, chagas, feridas e os pesadelos e fonturas de cabeça; não altera o sangue; não tem o menor sabor; não exige dieta especial; pode ser tomado pelos organismos mais fracos e aquebrados; pode ser usado em todas as viagens e passelos; é extremamente portatil, pois vai em pequenos tubos; substitue com grandes vantagens os tratamentos pelo 606 e 914 e todas as injeções e fricções mercuriaes; não necessita de auxilio de qualquer outro tratamento; ele não tem, n'uma palavra, o minimo inconveniente no seu uso. Aconselhado e preconizado por inumeros medicos e por todos os clientes que o tem usado!

Sifilitico que ainda não tenha manifestações evite-as, tomando já este excelente e inconfundível remedio.

À venda nas boas farmacias e drogarias. Cada tubo (uma semana de tratamento), 1\$50; 6 tubos 8\$00. Pelo correio, porte gratis para toda a parte.

Pedir o livro de instruções em todos os depositos. Deposito geral para Portugal e Colonias, Farmacia J. Nobre, 109, Praça de D. Pedro, 110, Lisboa.

À venda no PORTO: Farmacia Dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 44; em BRAGA: Farmacia dos Orfãos, Praça Municipal; na FIGUEIRA DA POZ: Farmacia Sotero, Praça Nova; em EVORA: Drogaria Martins & Mala, Rua João de Deus, 64; em COIMBRA: Drogaria Marques, Praça 8 de Maio, 33 a 36; em TOMAR: Farmacia João Torres Pinheiro & C.ª, etc., etc.

No. S2331-6 In. d. c.-J. P. R. 1



MARCA YALE FABRICA

TUDO ESTA BEM

O LAR protegido com as Fechaduras Yale e a Ferragem Yale para Constructores fica livre do perigo das aggressões.

Pode-se viver com a sensação de uma segurança perfeita e com o orgulho de sentir-se proprietario verdadeiro do que se tem.

Porque a marca Yale significa o melhor em fechaduras, fechos, puxadores, broques; o melhor pela sua utilidade, apparencia e segurança.

Ha um producto Yale exactamente a proposito para todas as necessidades na linha de ferragem—toda a linha comprehendendo cadeados Yale, fechos Yale nocturnos, assegurores Yale para portas, ferragem Yale para constructores, fechaduras Yale para bancos e cadearnes Yale de correntes. A mesma marca de fabrica Yale os garante todos.

The Yale & Towne Mfg. Co.

Estabelecida em 1868

Nova York
E. U. A.

À VENDA Almanaque Ilustrado d'O SEculo Para 1920

O maior repositório de indicações uteis tanto a população das cidades como á dos campos.

Preço: 30 centavos

Menstruação

Com as menstrinas reg.¹

Aparece e sem inconveniente no mais curto espaço de tempo dada a sua origem tónica e reconstituinte seja qual for o caso que se empregue. Resultados garantidos.

Caixa com instruções 2\$50 e correio 2\$60. Lab. e Deposito: V. Ferrão, L. da Saude, 14. — Quintans, R. da Prata, 194. — Azevedos, Rocio, 31. — Netto Natividade, Rocio, 122 — LISBOA.

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.ª, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esquinna).



DOENÇAS DE PEITO

TOSSE, GRIPPES, LARYNGITE, BRONCHITE,
RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPO

PULMOSERUM BAILLY

Sob a influencia do "PULMOSERUM"

A tosse socega-se immediatamente.

A febre desaparece.

A oppressão e as punçadas nailhargas socegam-se.

A respiração torna-se mais facil.

O appetite renasce.

A saude reaparece.

As forças e a energia recobram vida.

EMPREGADO NOS HOSPITAES, APRECIADO PELA MAIORIA

DO CORPO MEDICO FRANCEZ.

EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

MODO DE USAL-O

Uma colher das de chá pela manhã e pela noite,

Laboratorios A. BAILLY

15, rue de Rome, PARIS



TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS

OS GENEROS fazem-se nas Oficinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"
Rua do Século, 43 LISBOA

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M. ME BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Fez o estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 18000 reis, 28500 e 58000 réis.

DOENTES

A Moderna Therapeutica Magnetica

Com o auxilio dos meios FISICOS E REGIMEN NATURAIS, especificos para cada caso e devidamente individualizados, constitue

O tratamento mais racional e eficaz

PARA CURAR as doencas de qualquer órgão: estomago, intestinos, ligado, rins, coração, etc., ou vias urinaarias, respiratorias e circulatorias; hemorroidal, doencas da nutrição, nervosas, artriticas ou linfaticas, paraliticas ou irritativas *por graves e antigas que sejam*: assim o tenho affirmado na minha longa pratica no estrangeiro, e aqui pelas numerosas curas que tenho realisado.

Os que sotrem não devem, pois, hesitar, a submeter-se aos meus especiais tratamentos

FISICO-MAGNETICOS E DIETETICOS

De cujos favoraveis resultados *me responsabilizo*. Dr. P. Indiveri Colucci, consultorio *Psico-magnetoterápico*. T. C. João Gonçalves, 20, 2.ª E. ao Intendente.

Academia Scientifica de Beleza

AVENIDA, 23 — LISBOA
— Telefone 3641 —

Produtos indispensaveis á toilette das senhoras
elegantes na presente estação

PARD Blanc de Beauté — Dá ao rosto mais moreno, pescoço e braços o branco das camélias.

CRÈME de Cisne — Verdadeiramente ideal para branquear as mãos, tambem se pôde usar no pescoço e braços.

CRÈME Esmalte — Superior para branquear o rosto, pescoço, braços e mãos.

AGUA Misteriosa (pó de arroz liquido) — Branqueia naturalmente a pele. Muito usado no pescoço por não sujar as golas. Para usar de dia.

CRÈME Imperatriz — Branqueia naturalmente a pele mais morena. Só se usa ao deitar.

Depositos em Lisboa: Salão Mimoso, rua Augusta, 282. Porto: Rua 31 de Janeiro, 234.

Resposta mediante estampilha.

O Tesouro dos cabelos

é só o

TONICO YILDIZIENNE

Que cura a calvice e faz recolorar sem pintar os cabelos brancos, em qualquer idade e em todos os casos. Cura a caspa, evita a queda e o embranquecimento; faz crescer os cabelos. A pigmentação é segura; mas faz-se lentamente porque esse tonico atua fisiologicamente e não mecanicamente como as tinturas.

Ha já bastantes curas tanto da calvice como da canice. Quem visitar esta Academia tem o prazer de ouvir as proprias clientes dizer o maximo que se pôde dizer d'este maravilhoso tonico.

Resposta mediante estampilha á

Academia Scientifica de Beleza

AVENIDA, 23 — LISBOA

TELEFONE 3641

DEPOSITOS EM LISBOA: — Rua Augusta, 282
PORTO: — Rua 31 de Janeiro, 234



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

Qu^{is} tões economicas



O forasteiro, para o policia :

—Sim, sr. guardá: este gatuno impingiu-me um cordão de latão por ouro...

O vigarista, cheio de razão :

—Perdão; o comercio agora é livre!



PALESTRA AMENA

Mais doutores

Preços

Ensinou-nos um velho professor de economia politica a definir o «preço» e d'ele fizemos uma idéa, que até hoje julgavamos perfeita, dando-lhe uma forma matematica e como tal de indubitavel exactidão. Se não estamos em erro — ha quantos anos isso foi! — era ele um quociente, sujeito apenas ás variações do dividendo e do divisor, sempre em concordancia, como todos os quocientes que se presam de ter boa educação.

Pois bem: a noção que tinhamos de «preço» era falsissima, como muitas senhoras que conhecemos e o velho professor, de quem até ha pouco tinhamos recordações agradaveis, se não era um iludido, era um chuchador de primeirissima ordem. Preço! Mas os senhores, por mais doutos que sejam, sabem lá o que é o «preço», pelo menos no mercado de Lisboa? E' preciso percorrer, como nós percorremos ha dias, as lojas de candieiros em procura de uma torcida, para se avaliar das variantes uue o preço sofre segundo varias circunstancias: torcidas iguaes: n'uma loja 24 centavos, n'outra 10 centavos e em terceira loja 8 centavos! E não se imagine que as lojas são muito distantes umas das ou-

tras, que as torcidas teem procedencias diferentes, que as casas de venda pagam renda diversa; não, senhores: dadas as mesmíssimas causas, quando todos suporiam que o efeito seria o mesmo, eis que é muito outro.

E se o leitor, em vez de necessitar d'uma torcida para o seu candieiro, sofre d'uma dermatose e se vê obrigado a comprar nas farmacias uma simples pomadinha de oxido de zinco, o mesmo fenomeno observará, pois que certo numero de gramas d'essa pomada lhe custará 50, 60, 70 ou 80 centavos, conforme a botica onde fôr preparada, aliás com o mesmo resultado para o enfermo. o qual resultado, no caso sujeito, é resignar-se o paciente a continuar de posse de tão simpatica enfermidade, e da respectiva comichão.

Ora se o comercio de candieiros e de drogas farmaceuticas — para só fallarmos no que mais de perto nos tocou a semana passada — se harmonisasse de maneira a restituir os creditos em que tinhamos a economia politica, motivo seria esse de grande jubilo para as nossas algibeiras e para as do proximo, em igualdade de condições. E a memoria do nosso lente não seria embaciada por uma suspeita de que muito desejaríamos libertar o nosso atribulado espirito.

J. Neutral.

Todos sabem que antigamente a escola primaria era, não só ri-onha e franca, mas tambem a preparação indispensavel — só indispensavel — para o curso dos liceus, que, seguindo-se ao primario, por isso se chamava secundario. Hoje, a escola primaria é outra coisa, porque, principiando por baixo, como d'antes, chega até a ser superior, o que, segundo alguns pro-



fessores, é um contrasenso e segundo outros traz inumeras vantagens ao ensino.

Somos d'esta ultima opinião, mas pedimos venia para apresentar um alvitre que está, ao que nos parece, em harmonia com a pedagogia moderna. E vem a ser as crianças na idade escolar, isto é, de mama, frequentarem os ultimos anos dos cursos superiores e especiais, recebendo o grau de doutoramento depois d'um ano; no segundo ano de idade, frequentarão o 4.º, penultimo dos cursos, e assim successivamente, de cima para baixo, frequentando a aula primaria no fim da carreira, quanto mais não seja pela razão de que duas vezes somos crianças.

Está bem assim?

Um roubo

Teima o sr. dr. Afonso Costa em não vir para Portugal e não é da nossa conta se tem ou não tem razão para assim proceder; o que é verdade, porém, é que da sua patria não terá por vezes recordações muito agradaveis e o destino encarrega-se de as avivar. Devem ter lido que ha dias, em Pa-



ris, o sr. dr. Afonso Costa foi vítima d'um roubo; roubaram-lhe o automovel como quem rouba uma carteira, subtilmente, habilissimamente — primeira recordação; depois, onde é que lhe roubaram o automovel? Na rua de Lisboa! Querem mais evidente a mão da fatalidade a indicar-lhe: «Não volteis mais a Portugal?»

Atmosfera revolucionaria

A ultima semana lisboeta foi encantadora. Os jornais da manhã annunciavam movimentos revolucionarios, que os da noite desmentiam, no dia seguinte os da noite avisavam da proxima bernarda, os da manhã diziam que não haveria tal coisa...

Eis algumas notas, que os nossos reporters conseguiram tomar, durante esse delicioso lapso de tempo.

A esposa do Antunes: —Olha: á saída da repartição trouxe-me um par de luvas. —Onde queres que as compre?



—Numa rua qualquer onde não deitem bombas, porque se podem chamuscar...

O Silva, ao jantar, para a cosinheira: —O' mulher! Você a dar-lhe com sopa de feijão encarnado!

—Mas o sr. Silva gosta tanto... —Isso é quando não correm boatos de revolução; podem prender-me por suspeito de transportar explosivos...

A D. Filomena, de 40 anos, solteira crónica e feia de nascença, para a criada:

—O' Maria, dá-me d'aí o chapéu! —Credo! A senhora quer sair, com os boatos que correm? —Quero. —Então não tem medo dos canhões? —Nenhum. Duro com duro não faz bom muro!

Torre de chifre

Nas horas tristes do anoitecer Quando a lua no espaço passeia Ai quem me dera viver Tendo-te sempre na ideia!

Pois não serás tu por acaso Aquela que sempre tenho amado A que o contrario digam empraso, Ou eu não seja teu namorado.

Não contes a ninguem os lamentos Que a essas horas eu passo Quando os astros nos firmamentos Aparecem no espaço.

Pois que nos teriam ciume E quero que em volta de nós Haja só paz e perfume, Para que vivamos sós!

Alfredo A. B. Torres.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Ispousa du mê curasão :

Sim cinhora! In Espanha sempre á munto boa jente! Ora in majina cá lá um tal Reixinol que faz pessas i alum-brouce in fazer uma xamada *Boa jente* cuja esta é a pior jente que á. Tu alembraste du Xabi pois nan alembras? cando elle isteve in Peras Ruivas a vesitarnos pur cinal que inxia a casa i aindas ficava Xabi fora da porta; i alembraste de me dezeres que era munto bom óme i logo ce via qui era amigo du cê amigo; pois inganastestes porque caquilo é um paçaro bisnau cingundo u tal Reixinol; poz casa de pre-g), isfola us proves que vão pôr cois-sas nu pinh) i u pior é que le deu agora pra imbirrar cu a mulher, a dona Jasuína, cum quem touda a jente in majinava que ce dava cuma deus cum us anjus! I çabes proque elle cumesou a imbirrar cum a Jasuína? porque meteu de portas a dentro a Auria Aberanches i prantouce a cumparar a cara dela cum a da Jasuína i vai dai istás a ver : ficou pello beiso cum a Auria i nan faz cenão desijar a morte á ispousa lijitima apezar dela le dar xá de



tillia! Pois cim mas cum que u Xabi nan cuntava era cum u Guerijó cujo este como çabes bebe á munto us ares pella Auria; neste cumenos aparesce u ditto Guerijó i ri-pó-pó tiro-liro-ló leva a Auria pra casa de modos que u Xabi nan tem remedio cenão arrincar u cularinho i a gravata a fingir que tem uma conjunção apupeletica. Vai d'ain cai u pano i u tê ispouso corre logo ós bastidores a ver ço Xabi é vivo ó morto i inzaminando que istá vivo dale um abraço de deitar us tampos dentro, a elle tê ispouso, cum munta allegria porque elle ce reconseleu cum a Jasuína i tanto que logo in ceguida vão ambos i dois tumar uma xasada juntos i ala que ce faz tarde para a pil-dra. Sube agora cus marotos ós pois da noite in que vim isto rasulveram fazer u mémo toudas as noitos i tincionam cuntinuar pur estes mezes mais xigados porque u pulvico toudo vai ó Pulitiama cempre pra ver ça final a Auria ce decide a dar çorte ó Xabi. Tremino aqui estas duas regras i inviente çódosos brasses i bejos pra touda a familia i alimbransas a quem pur mim preguntar ca minha ó fazer d'esta

EM FOCO

Araujo Pereira



*Foi ele o ensaiador da «Boa gente»
E mostrou-se no caso tão perito
Que devo em rima celebrar o dito,
Conforme é meu costume, ha muito as-sente.*

*A peça, já se sabe, era excelente,
Artistas do melhor e mais bonito,
Porém o ensaiador, digo e repito,
Destacou-se galharda e sabiamente.*

*Eu, apezar da minha habilidade,
Se me dessem um dia aquele emprego
Não faria decerto nem metade.*

*Que efeitos ele tira d'um reprego!
Como conhece aquela sociedade!
Como ele sabe bem o que é o prego!*

BELMIRO.

grassas a deus é má porque as çusistencias cuntiuam a çubir i us sento i vinte mel reis que eu truxe de Peras da venda da noça batata a baxar que é um arregalo i intão asseita u curasão deste tê ispouso inté cando deus quizer ámam.

Jerolmo.

Emprezarto do Pauliteama de Peras Ruivas

Novo cometa

Do Seculo:

«PARIS, 12. — M. Alexandre Skau-masse descobriu, do Observatorio de Nia, pela madrugada de 29 de Outubro, um novo cometa. E' de magnitude 12 e está situado ao norte da constelação *Virgo*».

Pedimos licença para dizer á constelação que tome cautela com semelhante visinho. De mais a mais, de magnitude 20!

Livros, livrinhos e livreços

«Curso elemental de Esperanto» —Recebemos este livro, por amavel oferecimento dos seus autores, os srs. Saldanha Carreira e Luzo Bernaldo, e somos a dizer que a sua leitura veio dissipar todas as duvidas que tinhamos sobre a facilidade de aprender o Esperanto e sobre a beleza da invenção do grande Zamenhof.

Quanto á dita facilidade, posto que burro velho não aprende lingua, nós, aparte a modestia, com pouquissimo trabalho ficámos em estado de sustentar uma conversação em esperanto, contanto que o parceiro não seja muito falador; quanto á beleza da fórma e da musica, o leitor incredulo ponha aqui os olhos: *Mi negre iros,*

kió aju okasos, que é bem mais bonito do que Irei impreterielmente, acanteça seja o que fór.

A bem dizer, é uma lingua e peras.

Correspondencia

Decio (Almeida). — O sr. não tem nada com a nossa vida. Meta-se com a sua e já não terá pouco em que se entreter.

Alice B. C. — Sendo versos d'uma senhora não nos atrevemos a mandal-os para a «Torre de chifre», porque não estariam em boa companhia. Vão, pois, n'esta secção e nem por isso perdem o merecimento que teem.

A meu primo

Não sei o que te responda
A frases tão amaveis;
Dizes que a minha trança é onda
O' expressões afaveis
D'um coração que se não sonda!

Meus labios ficarão calados
Mas o meu coração fala
Em momentos soçogados
Quando a natureza se cala
E são silenciosos os prados.

Oh! não me digas mais!
Não vês como já balbucio
E meu peito aos ais
Se mostra tão sombrio
Como nuvens letais?

Um dia eu falarei então
E viveremos eternamente
Longe d'esta corração
E d'este mundo que mente
Sem nenhuma consideração.

Esse dia quando virá?
Não sei nem tu sabes
Mas com certeza apparecerá
Como aperecem as aves,
Ai! quem m'o dera já!

Ditos populares



— É uma mulher... e peras!

— ... E marmelos, como disse o Esculapio...